

# Crónica | Rabiscador de malícias

**F**requentemente muitos anos uma casa de pasto com paredes salpicadas de revistas e jornais antigos. Repousavam todos, ou abafados em esquadrias de lenhos diversos e tricolores que nos pareciam carcomidas pelo caruncho. Ficava num largo virado ao Bugio. Outrora lota e espaço de festejos e lamúrias que o mar ainda hoje consegue agoirar. Mas juntava pessoas. O mar até cabia nas casas e nas almas das pessoas. Eu entrava na *Afonsina* para comprar tabaco ou cruzar tertúlias de poesia entre amigos. Para beber um copo ou perscrutar notícias corriqueiras que a política teimava, como hoje, levemente amamentar em ladainha pacóvia ou senão trajada sem rigor. Entrava até para acalmar alguma solidão e ia ler horóscopos caducados de cada vez que o dia não amanhecesse nem entardecesse. Entrava. Ou apenas passava. Ou apenas julgava acalantar a solidão noutra solidão, hoje reconheço. De cada vez que entrava na *Afonsina* lá estava o rabiscador de calças claras. Era conhecido pelo rabiscador de malícias. Achava intrigante. Era um espanhol fugido da guerra civil com rosto esguio debaixo de uma calvície indisfarçada com barba desamparada e que estava sempre a desenhar. O nome dele só mais tarde soube. Martinez. Tinha ali o que era um enigma e sempre na mesma mesa em frente da passadeira plastificada que poisava refastelada em cima do televisor. De lápis e folhas no lado que habitualmente me sentava de orgulho silencioso o proprietário servia cerimoniosamente o cliente mais conhecido. Depois eu. Quase sempre estávamos ambos nestes lugares.

De cada vez que eu entrava o *Sr. Jerónimo* advertia de espanador na mão, com salpicos salinados bombardeados entre lábios - é de válvulas, se queres ver desporto, fã-lo, ela não tem arranjo pá... é de válvulas enquanto espanejava canecas e bibelôs, as bandeirinhas



murchadas saíam-lhe da garganta dos países onde foi emigrante, agora nas redobras flácidas, como seus amuletos estrangeirados, o pó esfumar-se de encontro aos papéis na minha poesia depois, contorcido também como ele e eu fazermos de cinza entre tufos de malmequeres encardidos e rosas tresmalhadas de sebo das bifanadas e entremeadas, tudo sacudido a trouxe mocho apesar do regalo imperativo do

*Sr. Jerónimo* insistir, - se queres desporto fã-lo... eu que até ia regularmente à *Afonsinha* que tinha luz enviesada esplanada no balcão aos saltitos com moscas para arrepiar erros gramaticais na poesia mas sem erros dignos do sentimento, via moscas e copos de absinto

também aguardentes incolores senão vinhaça carregada imodesta como insolente nas cores rubis tilintarem misturadas nas algazarras futebolísticas, assobios de soslaio em sonoros graves para as mulheres.

Nesta crónica em contra-mão lembro que eu olhava títulos de jornais e revistas depois engendrava reflexões convicto empreender fracas interpretações infundadas nos adjectivos, mas ia, afinal, também, rodopiar no fumo retorcido saído nebuloso do cachimbo do Martinez. Ele sim entrava de mansinho e nem perguntava pelas válvulas. Sentava-se, fazia desenhos esbatidos de sombras a carvão de pernas carnudas femininas entrançadas nas cadeiras. Os que escreviam, como eu, soltavamos palavras sem desenho. Piropos apenas escoados na sombra da luz ao balcão. Um dia unimo-nos. O Martinez desenhava os nossos poemas. No meu canto pensava que quem escreve sobre mulheres

não as desenha, mas quem as desenha precisa de palavras como um pátio florido que tem céu e tem mar e tem como amar. Mesmo que seja a válvulas.

Paço de Arcos, Junho 2009

*(Desenho de Luciana V. Farias)*  
*(Nesta crónica andei sempre em contra-mão .Fui autuado por distracção nas palavras... dei-lhes um beijo, logo transgredi...)*